

**O REFLEXO DA FELICIDADE: IMAGEM CORPORAL E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

**THE REFLECTION OF HAPPINESS: BODY IMAGE AND EDUCATIONAL PRACTICES**

Denise Aparecida Ramiro Lombardi  
Universidade Estadual do Paraná  
[psdeniseramiro@gmail.com](mailto:psdeniseramiro@gmail.com)

Meire Aparecida Lóde-Nunes  
Universidade Estadual do Paraná  
[meire.lode@unespar.edu.br](mailto:meire.lode@unespar.edu.br)

**DOI:** 10.33872/rebesde.dossie.v1n1.e006

**CONTATO**

Denise Aparecida Ramiro Lombardi  
[psdeniseramiro@gmail.com](mailto:psdeniseramiro@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo analisa a relação entre corpo, imagem, felicidade e educação, com base em uma revisão bibliográfica de autores como Stearns, Corbin, Courtine, Vigarello e Greiner. A pesquisa aborda a evolução do conceito de felicidade e as representações do corpo na mídia, destacando o impacto das imagens midiáticas na percepção de beleza e corpo perfeito. A metodologia é qualitativa, com um corpus formado por livros, artigos, teses e dissertações publicadas a partir de 2020, focando em fontes recentes. A análise explora as conexões entre felicidade, corpo, mídia e educação, destacando os efeitos na desconexão com a realidade e a importância de uma visão crítica.

**Palavras-chave:** felicidade, corpo, imagem, educação.

**Abstract:** This article analyzes the relationship between body, image, happiness and education, based on a bibliographic review by authors such as Stearns, Corbin, Courtine, Vigarello and Greiner. The research addresses the evolution of the concept of happiness and representations of the body in the media, highlighting the impact of media images on the perception of beauty and the perfect body. The methodology is qualitative, with a corpus made up of books, articles, theses and dissertations published since 2020, focusing on recent sources. The analysis explores the connections between happiness, body, media and education, highlighting the effects of disconnection from reality and the importance of a critical view.

**Keywords:** happiness, body, image, education.



## 1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, Venturini et al (2020) reporta às relações entre educação, imagem e o corpo assumem novas formas e significados, destacando a importância das imagens na sociedade, onde elas desempenham um papel que vai além da simples representação do real, envolvem a imaginação tanto do criador quanto do observador. Conforme vivemos em uma era em que experimentamos o mundo principalmente por meio de imagens e representações visuais, presentes em diversos meios culturais, que não são neutras; elas interpretam e filtram o mundo com um olhar específico, sempre influenciado pelo contexto e pelas intenções do autor.

Quando olhamos uma imagem, levamos conosco um modo particular de enxergá-la, um modo de ver influenciado tanto pela nossa cultura quanto pela nossa individualidade. Embora cada imagem seja pensada para gerar uma experiência visual específica, cada pessoa reage a ela de forma única, o que evidencia o caráter subjetivo dessa interação. A imagem não apenas passa pelo olhar; ela desperta memórias, sentimentos e interpretações próprias no espectador, fazendo parte de nossa formação e percepção do mundo. (Venturini et al, 2020).

Nesta perspectiva, a imagem passa a mobilizar estruturas mentais e representações coletivas, inevitavelmente tocando em afetos e sensibilidades. No entanto, não nos equivocamos, a presença dos afetos é perceptível na diversidade de objetos históricos examinados, como a morte, a infância, a família, o corpo enquanto elemento sensível, o rosto e suas expressões, bem como nas primeiras investigações sobre gênero e sexualidade. (CORBIN et al, 2020).

Outras pesquisas indicam que as emoções podem estar ligadas às imagens, a exposição constante de corpos nas redes sociais, muitas vezes vinculada a imagens de felicidade, se configura como um fenômeno midiático que contribui para a construção de ideais de beleza e bem-estar. Esse processo não só reflete as normas sociais vigentes, mas também as intensifica, perpetuando a associação entre aparência física e felicidade, o que pode impactar a autoestima e a identidade dos indivíduos. De acordo com estudos de



Goffman (2001), as representações de si nas redes sociais são cuidadosamente gerenciadas para atender a expectativas culturais, e destaca como o corpo se torna um objeto de controle e normatização em contextos sociais contemporâneos. Nesse sentido, a mídia digital amplifica as pressões estéticas e psicológicas que os indivíduos enfrentam, gerando uma espécie de espelho social que forja as atitudes e comportamentos.

Nessa visão, o corpo humano é, desde sempre, um tema de reflexão na educação, sendo construído tanto por normas culturais quanto por ideais sociais. As representações do corpo idealizado, frequentemente associadas ao bem-estar e à felicidade, influenciam profundamente a formação da identidade, a autoestima e a autopercepção dos indivíduos, principalmente no ambiente escolar. Esse processo de educação do corpo é reflexo das expectativas sociais em torno da aparência física, saúde e comportamento, que são constantemente reforçadas pelas imagens na mídia e na cultura visual. (Foucault, 2014)

No contexto do ensino, o corpo não é apenas visto como um objeto físico, mas também como um meio de comunicação e expressão. As representações do corpo, como perfeito ou idealizado, têm um impacto direto nas atitudes e comportamentos dos estudantes, influenciando sua percepção de si mesmos e suas relações sociais. Isso é visível em todas as faixas etárias, como exemplo nos adolescentes que estão em fase de construção da identidade, e por outro, os professores que vivenciam este processo sendo constantemente expostos a padrões de beleza e comportamento influenciados pela sociedade. Como resultado, essa pressão para alcançar um ideal físico pode afetar negativamente a autoestima e a saúde emocional de ambos (Foucault, 2014).

O presente estudo explora a percepção da imagem corporal e a concepção da sensação de felicidade no contexto de aprendizagem, abordando também algumas das consequências das mídias sociais na definição de padrões de beleza corporal, frequentemente associados à ideia de felicidade. Bem como, será examinada a influência da conectividade digital na construção desses ideais e suas implicações para o desenvolvimento da autoestima e da identidade dos indivíduos no processo educativo.



Uma variante desse argumento, também muito vinculada à psicologia, admite que a felicidade tem várias gradações, mas enfatiza que são dependentes principalmente da personalidade individual. Algumas pessoas já nascem mais felizes do que outras. Um estudo afirma que até 80% da felicidade de uma pessoa é algo inato e, portanto, exigir que alguém seja mais feliz é o mesmo que exigir que a pessoa seja mais alta. Não há muito a fazer sobre isso, e com certeza não há razão para examinar a questão historicamente. Ou, por fim, deixando a psicologia de lado e recorrendo ao que se pode considerar sabedoria popular, a felicidade é um mistério. Muitas vezes, temos dificuldade de descobrir se nós mesmos somos felizes, quanto mais outras pessoas do passado. Nós nos perguntamos se determinadas condições normalmente geram mais felicidade, mas não temos certeza – donde a velha discussão sobre o dinheiro “comprar” felicidade (muitas vezes acompanhada de uma esperança um tanto melancólica de que não compre). (Stearns,2022, p.10,11).

Peter Stearns (2022) contempla sobre a dificuldade de definir a felicidade de maneira universal, especialmente em um contexto de estudos históricos. Ele sugere que a felicidade está profundamente relacionada a gostos e interesses pessoais, como o exemplo praticantes de musculação ou de outro exercício corporal podem experimentar grande felicidade quando as realiza, enquanto outras nem gostam de práticas esportivas. Isso indica que o que faz uma pessoa feliz pode ser totalmente diferente do que faz outra, dependendo de suas experiências, valores e preferências pessoais.

O mesmo autor evidencia que, devido a essa variação de sentimentos e interesses, a felicidade é um tema complexo de ser tratado de forma objetiva em estudos históricos. Isso porque, para um estudo histórico ser eficaz, é necessário que o conceito de felicidade seja claro e definido, o que, ainda não acontece de forma satisfatória. A felicidade, nesse contexto, é vista como algo subjetivo e mutável, o que torna complicado estudar sua evolução ao longo do tempo de maneira uniforme.

Assim sendo, as práticas de formação não são mais vistas apenas como instrumentos de transmissão de conhecimento, mas também como influenciadoras do comportamento e das aspirações pessoais, como a busca pela felicidade. Este artigo examina as contribuições de diversas áreas de conhecimento, para entender a formação



do corpo e das atitudes no contexto educacional, destacando as possíveis consequências das concepções imagéticas de corpo e responder: Como a concepção de felicidade molda as práticas pedagógicas e a percepção do corpo na sociedade contemporânea?

## 2. METODOLOGIA

A metodologia consiste em uma pesquisa teórica baseada na análise bibliográfica. O corpus foi composto por livros, independentemente do ano de publicação, e por artigos científicos, teses e dissertações publicados a partir de 2020, abrangendo áreas interdisciplinares do conhecimento. As palavras-chave incluem "corpo", "imagem corporal", "felicidade" e "mídia". A coleta será realizada em bases de dados acadêmicas relevantes, com os textos organizados sistematicamente em planilhas ou softwares de referência.

A análise foi orientada por categorias temáticas, como conceituação de felicidade, representações do corpo na mídia, influência na percepção corporal e o papel da educação na relação com o corpo. Os textos foram explorados criticamente para identificar conceitos, argumentos e evidências contemporâneas.

O artigo resultante apresentará uma síntese interpretativa que explora as conexões entre a história da emoção e felicidade, com foco na atualidade, o corpo enquanto construção midiática, e o consumo de imagens, destacando suas implicações na desconexão com a percepção da realidade.

## 3. DESENVOLVIMENTO

### 3.1 A construção histórica da felicidade como emoção

Nesta perspectiva, a imagem passa a mobilizar estruturas mentais e representações coletivas, inevitavelmente tocando em afetos e sensibilidades. No entanto, a presença dos afetos é perceptível na diversidade de objetos históricos examinados, como a morte, a



infância, a família, o corpo enquanto elemento sensível, o rosto e suas expressões, bem como nas primeiras investigações sobre gênero e sexualidade. (Corbin, et al, 2020).

Aristóteles examina a questão, por exemplo, utiliza o termo genérico *pathe* para abordar diferentes aspectos da vida afetiva. Este termo abrange tanto o que hoje chamamos de sentimentos quanto estados da alma, e ele categorizou o que afeta a alma (*psiqué*) em três tipos de fenômenos: *pathe* (emoções), *dynamis* (faculdades) e *hexis* (maneiras de ser). No entanto, o termo, *pathe* são fenômenos sofridos pelo indivíduo, sendo experimentados como sensações de prazer ou de sofrimento, revelando que as emoções, são passivas e estão ligadas diretamente às reações de prazer ou dor. (Corbin, et al, 2020).

Outras pesquisas indicam que as emoções podem estar ligadas às imagens, a exposição constante de corpos nas redes sociais, muitas vezes vinculada a imagens de felicidade, se configura como um fenômeno midiático que contribui para a construção de ideais de beleza e bem-estar. Esse processo não só reflete as normas sociais vigentes, mas também as intensifica, perpetuando a associação entre aparência física e felicidade, o que pode impactar a autoestima e a identidade dos indivíduos. De acordo com estudos de Goffman (2001), as representações de si nas redes sociais são cuidadosamente gerenciadas para atender a expectativas culturais,

Segundo Corrêa (2023), afirma que a complexidade da felicidade como um conceito que, historicamente, tem suas raízes na filosofia ocidental, mas que também pode ser investigado pelas ciências sociais. Ele nos leva a refletir sobre o que constitui a ideia de felicidade na sociedade contemporânea e como essa noção é configurada por fatores estruturais e culturais, em vez de ser uma definição única ou imutável

Neste sentido, Corrêa (2023) discorre que a felicidade é parcialmente determinada pelas indicações da sociedade, ou seja, pela forma como os valores e práticas culturais orientam os indivíduos a enxergarem a felicidade. Entretanto, essa perspectiva vai além da visão de Durkheim sobre os fatos sociais, já que incorpora a ideia de tradição cultural que, embora venha do passado, é reinterpretada continuamente por cada sociedade, com



os indivíduos puxando fios específicos da herança cultural para reinterpretar esses conceitos no presente.

Corrêa (2023) explica diferentes concepções de felicidade, cada uma vinculada a valores e objetivos distintos. Primeiramente, apresenta a felicidade ligada ao consumo, também conhecida como felicidade hedônica, que é entendida como a busca por prazer e bem-estar material. Nessa perspectiva, ser feliz está associado ao sucesso social e à obtenção de bens, além de momentos de lazer e satisfação pessoal.

Em contraste, temos a felicidade associada à religião, ou beatitude, que se relaciona à vida espiritual e ao sentido de pertencer a uma comunidade religiosa. Nesse contexto, a felicidade é percebida como uma experiência de conexão com o divino, alinhada à fé e aos ensinamentos de uma igreja ou crença, levando à vivência de uma “verdade maior” que guia a vida (Corrêa, 2023).

Outro tipo é a felicidade racional ou virtuosa, que se fundamenta na ideia de eudaimonia, uma noção filosófica que compreende a felicidade como resultado de uma vida bem planejada e moralmente orientada. Aqui, a felicidade é alcançada por meio de um projeto de vida construído com racionalidade e virtude, e reflete um propósito alinhado com valores pessoais profundos e um ideal ético (Corrêa, 2023).

O referido autor explora uma concepção chamada de felicidade negativa, uma percepção de felicidade influenciada por condições socioeconômicas, políticas e sociais adversas. Nesta visão, a felicidade é mais complexa e pode surgir de uma resiliência diante de dificuldades, assumindo uma forma condicionada e adaptativa aos desafios estruturais da sociedade, como enunciado no Relatório Mundial da Felicidade de 2024.

Em consonância com a psicologia positiva, a partir do autor Martin Seligman, (2002) oferece insights sobre como promover o bem-estar no ambiente escolar, onde a felicidade não é apenas um fim, mas um meio de melhorar a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal dos alunos. ao propor um foco no desenvolvimento de forças





peçoais e no florescimento humano. Em vez de centrar-se nos problemas e patologias, ele sugere uma abordagem focada no bem-estar e na felicidade sustentáveis.

De acordo com Martin Seligman (2002), o florescimento humano está intrinsecamente ligado ao cultivo de qualidades e habilidades positivas, propondo que o bem estar é uma meta alcançável por meio da adoção de uma mentalidade otimista e de emoções e atitudes construtivas. Ele define a felicidade com base em três componentes centrais: prazer, entendido como as experiências momentâneas de alegria; engajamento, que consiste na imersão plena em atividades que mobilizam forças e habilidades pessoais; e sentido, um propósito que conecta o indivíduo a algo maior. Para o autor a qualidade de vida genuína é melhor sustentada e promovida quando o indivíduo investe em engajamento e sentido, em vez de focar apenas no prazer imediato.

Seligman (2002) apresenta uma classificação de virtudes humanas universais essenciais para a felicidade duradoura: sabedoria, coragem, humanidade, justiça, temperança e transcendência. Essas virtudes foram estabelecidas para que cada indivíduo possa identificar e desenvolver suas qualidades únicas, promovendo uma vida com significado e felicidade. No que se refere à promoção do bem-estar, ele sugere práticas como gratidão, relaxamento e a aplicação dessas forças pessoais no cotidiano. O autor destaca o conceito de gratificação, obtido por meio de atividades que exigem esforço e dedicação, como sendo mais profundo e duradouro do que o prazer imediato – especialmente em ambientes educacionais e de trabalho, onde tem o potencial de aumentar o engajamento, a satisfação e o senso de realização.

Essa abordagem pode auxiliar educadores e psicólogos a criarem ambientes mais produtivos e saudáveis, onde a felicidade e o bem-estar são considerados pilares fundamentais. Ao focar no desenvolvimento das forças internas e dos relacionamentos saudáveis, a psicologia positiva busca o florescimento humano e incentiva uma busca ativa por um bem-estar profundo e duradouro (Seligman, 2002).

Em conformidade com Peter Stearns (2020) em sua obra História da Felicidade, nos convida a uma profunda reflexão sobre a evolução da busca pela felicidade ao longo





dos séculos. Ele demonstra como a compreensão e a valorização da felicidade variaram significativamente ao longo do tempo, sendo viabilizadas por fatores culturais, sociais, religiosos e econômicos.

No século XVIII, influenciados pelo Iluminismo, intelectuais da Europa Ocidental e América do Norte redefiniram o conceito de felicidade. A ideia, antes vinculada à virtude ou à recompensa na vida após a morte, passou a ser entendida como algo a ser alcançado na vida terrena, por meio do bem-estar material e do sucesso pessoal. Esse movimento rejeitou a visão de que dor e privação possuem mérito intrínseco, promovendo a crença de que os indivíduos podem moldar seus próprios destinos e que a felicidade está ligada à realização presente e tangível (Stearns, 2020).

O mencionado autor reporta que essa revolução na concepção de felicidade não se limitou aos círculos intelectuais, mas ganhou popularidade, criando uma revolução alegre que configurou novos padrões emocionais e comportamentais. O sorriso e a alegria tornaram-se comportamentos valorizados socialmente, e o consumismo refletia o prazer na aquisição de bens materiais.

O autor em questão dissecou a relação entre felicidade e capitalismo, mostrando como a sociedade de consumo e a busca por bens materiais influenciam nossa percepção da felicidade. A indústria do entretenimento e o marketing também são explorados como ferramentas que moldam nossos desejos e expectativas. Ele critica a ideia de que a felicidade pode ser comprada ou alcançada através de fórmulas prontas. Ele argumenta que a felicidade é um processo complexo e individual, que envolve diversos fatores, como relacionamentos, saúde, propósito de vida e bem-estar físico e psicológico.

### 3.2. O Corpo Como Imagem Midiática

Em sua obra Peter Stearns (2020) também aborda os desafios e as oportunidades da era digital para a busca da satisfação. As redes sociais, por exemplo, podem tanto conectar as pessoas quanto gerar sentimentos de solidão e comparação. Neste sentido



vamos mergulhar em algumas teorias do corpo, e compartilhar um pouco da história que ele recebeu ao longo do tempo, refletindo as diversas formas de descrever suas possibilidades

De acordo com Christine Greiner (2013), a compreensão do corpo não como um produto fixo e pronto, mas como um processo em constante transformação. Ela argumenta que, ao tentar nomear e classificar o corpo, corremos o risco de fragmentar e limitar sua complexidade e movimento. Bernard propõe novas possibilidades anatômicas que são inseparáveis das ações do corpo, o que ele chama de corporeidade. Esse conceito representa uma subversão estética da visão tradicional do corpo como um objeto monolítico e imutável.

A saber, a corporeidade, pode ser vista como uma rede de anticorpos que rompe com o conceito de um corpo único e estático. Mesmo que haja uma tentativa contínua de nomear e descrever o corpo, o foco é estudar os diferentes estados e manifestações de um corpo vivo, sempre em ação no mundo. Em outras palavras, ao invés de tratar o corpo como uma entidade singular, Bernard nos encoraja a explorar as corporeidades—diferentes modos de ser e de existir do corpo, que refletem suas interações dinâmicas com o ambiente e a cultura. (Greiner, 2013).

Assim como Rodrigues (2006) menciona que as normas que absorvemos ao longo da vida, especialmente durante a infância, são integradas à nossa maneira de ser de forma inconsciente, assim como aprendemos a falar nosso idioma nativo sem perceber. Esses padrões de comportamento social são internalizados de maneira tão sutil que se tornam quase invisíveis para nós, assim como as regras gramaticais de uma língua.

Além disso, os contrastes e as oposições que dão sentido às coisas e ao mundo estão frequentemente escondidos em regiões de difícil acesso à nossa consciência. Por isso, muitas vezes seguimos modelos culturais de conduta que desconhecemos e que não conseguimos descrever claramente. Não percebemos os contornos, limites e significados dos comportamentos que adotamos, pois eles estão implícitos nessas próprias ações. Esses padrões culturais, por estarem fora de nossa consciência explícita, não são objeto



de nossas preocupações diárias; nós os aceitamos como garantidos e estabelecidos, acreditando que são universais (Rodrigues, 2006).

Tal fenômeno psicológico pode ser comparado ao pensamento de Raquel Pipolo Pinto (2020) de como o roteiro escolar atua na formação de indivíduos, influenciando a forma como percebem e esculpem seus corpos. Ela explica que os discursos sociais que promovem um ideal de corpo belo utilizam argumentos de saúde para afetar a subjetividade das pessoas, de maneira que essas expectativas se tornam internalizadas.

Essa perspectiva crítica adotada na pesquisa investiga o problema dentro das relações de poder e governo. O poder não é algo fixo ou localizado, mas uma prática social difusa que circula em redes. Ele não está centralizado, mas está presente em todas as instituições sociais, como escolas, igrejas, mídias, entre outras, afetando tanto os corpos individuais, como sujeição, quanto o corpo social, como biopolítica. (Pipolo Pinto, 2020)

Neste caso, o poder exercido pelas mídias sociais manifesta-se através de estratégias e métodos que regulam e normatizam o corpo, utilizando técnicas visuais e linguísticas para moldá-lo de acordo com os padrões sociais vigentes. Imagens atraentes e comandos verbais repetitivos tornam-se ferramentas de persuasão, promovendo dietas, alimentação saudável e a prática de exercícios. Essas táticas não apenas incentivam, mas pressionam, incitando a transformação corporal como resposta a uma estética socialmente aceita e idealizada (Pipolo Pinto, 2020).

### 3.2. O Impacto do Consumo de Imagens na Percepção da Realidade

No cenário da educação pode contribuir para uma visão mais saudável e crítica do corpo, que é frequentemente visto como objeto de consumo, torna-se essencial que a educação proporcione um espaço de reflexão e autoconhecimento, promovendo práticas que valorizem a diversidade e a saúde mental dos alunos e professores.



O uso de imagens na educação, discutido por autores como Roland Barthes (1984) e Susan Sontag (1981) não apenas influencia a compreensão de conceitos, mas também desempenha um papel na construção da autoimagem e na internalização de padrões sociais. As práticas educacionais podem, então, tanto reforçar quanto questionar esses padrões, fornecendo aos alunos ferramentas para uma visão crítica das representações midiáticas.

Em *A Câmara Clara*, Roland Barthes (1984) explora a fotografia como um meio singular que combina subjetividade e objetividade e o autor reflete tanto como teórico quanto como um observador pessoal. Ele investiga o que torna uma imagem fotográfica significativa, indo além da técnica para buscar o que toca emocionalmente e deixa uma marca duradoura na experiência do espectador.

O autor em questão define dois elementos centrais para a análise da arte figurativa: *studium* que se refere-se ao interesse cultural e intelectual despertado pela imagem. É o elemento que permite uma leitura interpretativa, conforme o contexto, o ambiente e as convenções culturais. E *punctum*, que é o impacto emocional, um detalhe inesperado ou uma particularidade que atrai o observador de maneira única e pessoal, criando uma conexão profunda e direta. Esses conceitos oferecem uma nova perspectiva sobre a interpretação das imagens, destacando a interação emocional entre a imagem e o observador.

Barthes (1984) explora a iconografia como um certificado de presença e testemunho da ausência, destacando como as fotos capturam um momento que não se repetirá e que inevitavelmente aponta para a mortalidade do retratado. Ele sugere que a fotografia é uma espécie de “*memento mori*”, uma lembrança da finitude e da ausência, capturando a perda e a passagem do tempo. O autor apresenta uma reflexão filosófica sobre o poder da imagem em capturar e comunicar experiências humanas íntimas e efêmeras e contribui para o entendimento de como as imagens influenciam a percepção e a construção de significado pessoal e social.



Em sintonia com Susan Sontag (2004) em seu trabalho Sobre Fotografia apresenta uma série de ensaios sobre o impacto da fotografia na sociedade contemporânea. Ela questiona o papel das imagens na formação de nossa visão de mundo e explora como a proliferação de fotografias transforma nossa relação com a realidade. Ela sugere que a fotografia, além de ser um meio artístico, é uma forma de controle e poder, pois molda percepções e interpretações sobre o que é retratado.

A referida autora argumenta que a representação visual não apenas registra a realidade, mas também a constrói. Ela examina a forma como as fotos influenciam a forma como interpretamos eventos e culturas, contribuindo para uma construção social que afeta crenças, emoções e ideologias. Como explora o impacto das imagens de guerra, pobreza e dor, questionando o efeito dessensibilizador que a exposição constante a essas imagens pode causar.

Consequentemente, a ilustração é como uma forma de voyeurismo, onde o espectador participa de uma relação passiva com o sofrimento ou o exotismo do outro. Isso gera uma distância emocional, que pode desumanizar e trivializar as experiências de quem é fotografado. A autora questiona o papel ético imagético em situações de vulnerabilidade, refletindo sobre como o ato de fotografar pode, muitas vezes, ser intrusivo e explorador. Diante desta situação sugere que a fotografia, ao simplificar a complexidade da vida em imagens estáticas, pode promover estereótipos e percepções limitadas (Sontag 2004).

A autora citada faz uma análise crítica e abrangente sobre a fotografia na construção de nossa compreensão e imaginação sobre o mundo. Ela nos instiga a refletir sobre a responsabilidade e o poder implícitos no ato fotográfico, que não apenas constrói memórias, mas também molda percepções sociais. Nas redes sociais, por exemplo, imagens que retratam a felicidade como uma constante podem gerar um efeito de alienação entre os adolescentes, que, ao compararem-se a essas representações idealizadas, podem sentir-se inadequados ou insuficientes, potencializando sentimentos de não pertencimento e, em alguns casos, agravando sinais de depressão.



Em contraste com a atualidade, especialmente, existe uma "cultura da felicidade", em que a busca por um estado constante de bem-estar se tornou uma obsessão, alimentada por mídias sociais, marketing e ideais de consumo. O sociólogo Zygmunt Bauman (2007) considera como a sociedade contemporânea, marcada pela fluidez das relações e pela busca incessante por sucesso individual, promove uma felicidade superficial e muitas vezes inatingível, criando um paradoxo: quanto mais se busca a felicidade, mais ela parece escorrer pelas mãos como a alienação do ser humano na falta de consciência de seu valor intrínseco,

O cultivo da felicidade está intimamente ligada ao que Csikszentmihalyi (1999) chama de fluxo. O conceito de fluxo é uma teoria que explica como as pessoas alcançam estados de felicidade profunda e engajamento quando estão completamente imersas em uma atividade, muitas vezes desafiadora, mas com uma sensação de controle e competência. De acordo com o autor, a felicidade não é apenas um estado passivo de prazer, mas um processo ativo de busca por desafios e a superação de obstáculos, onde a pessoa sente uma conexão profunda com o que está fazendo.

Como comprovado no Relatório Mundial da Felicidade, uma publicação anual, avalia e compara os níveis de felicidade e bem-estar em diversos países, oferecendo insights valiosos para melhorar a qualidade de vida global. Neste, a felicidade vai além do dinheiro: embora a riqueza contribua, ela não é suficiente para garantir a felicidade. Outros aspectos, como relações sociais e saúde, desempenham papéis igualmente vitais. Os países nórdicos, como Finlândia, Dinamarca e Islândia, consistentemente lideram os rankings, destacando a relevância do bem-estar social e da qualidade de vida. (Helliwell et al 2024).

A felicidade também demonstra resiliência, estado de resistência às adversidades da vida e conectividade entre a mente e o corpo, como evidenciado durante crises globais, como a pandemia da COVID-19, onde as pessoas mantiveram níveis surpreendentemente altos de felicidade. O que enfatiza a importância do bem-estar social e do atendimento das necessidades básicas, como segurança, educação e saúde. Os



resultados do relatório servem como guia para políticas públicas, orientando governos na elaboração de políticas que promovam a felicidade. Além disso, chama a atenção para a felicidade e o bem-estar como metas globais essenciais, permitindo a comparação entre países e identificando melhores práticas. (Helliwell et al 2024).

#### 4. CONCLUSÃO

Este artigo científico realizou uma análise das relações complexas entre felicidade, imagem, mídia, corpo e práticas educativas, sugerindo que esses conceitos não apenas coexistem, mas também se entrelaçam de forma dinâmica e mutuamente influente. Ao investigar essas intersecções, espera-se fomentar práticas educativas mais conscientes e inclusivas, que acolham a diversidade corporal e incentivem o bem-estar integral dos indivíduos. Percebeu-se, ainda, uma desconexão significativa entre os sujeitos e seus próprios objetivos de vida, com uma busca de propósito muitas vezes velada pelas imposições culturais e políticas e consumistas contemporâneas. Essa reflexão instiga as estruturas políticas e convida a repensar a função da educação na promoção de uma autonomia pessoal mais profunda e significativa.

#### REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). *História das emoções: Da Antiguidade às Luzes*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2020.
- CORRÊA, Ricardo. **Um estudo sociológico sobre as compreensões de felicidade dos docentes do IFFar, Campus Santo Augusto, RS**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2023. Disponível em <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25>. Acesso em: 12 de outubro de 2024.





CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *Flow: a psicologia do desempenho ótimo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOFFMAN, Erving. *A apresentação do eu na vida cotidiana*. 1. ed. Porto Alegre: Editora, 2001.

HELLIWELL, J. F.; LAYARD, R.; SACHS, J. D.; DE NEVE, J.-E.; AKNIN, L. B.; WANG, S. *Relatório Mundial da Felicidade*. University of Oxford: Wellbeing Research Centre, 2024.

PINTO, Raquel Pipolo. **O currículo do corpo em forma educando às mulheres para um modelo de corpo "belo" nas páginas do Facebook**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31704#:~:text=para%20este%20item%3A-,https%3A/repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31704,-T%C3%ADtulo%3A%C2%A0>

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo* [online]. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. (Antropologia e saúde). Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 14 de outubro de 2024.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.

STEARNS, Peter N. *História da felicidade*. Tradução de Roberto Cataldo. São Paulo: Contexto, 2022.

VENTURINI, I. V.; JAEGER, A. A.; OLIVEIRA, M. C.; SILVA, P. Musas fitness e a tríade corpo-consumo-felicidade. **Movimento**. Cidade, [S. l.], v. 26, p. e26003, 2020. DOI:10.22456/1982-8918.86634. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/86634>. Acesso em: 8 nov. 2024.

**Recebido em: 30/01/2025**

**Aprovado em: 05/02/2025**

#### COMO CITAR:

LOMBARDI, D. A. R.; LÓDE-NUNES, M. A. O reflexo da felicidade: imagem corporal e práticas educativas. **REBESDE**, v. 1, n.1, p. 1-16, 2025.